

Introdução

Atualmente, educadores, pais, alunos e *policymakers* estão bastante preocupados com a questão da violência nas escolas. A preocupação é legítima, haja vista que as manifestações de violência induzem comportamentos nos agentes da educação que se contrapõem às metas de melhoria da qualidade do ensino e aumento da permanência na escola. Por um lado, a falta de segurança força os diretores e professores a reduzirem as exigências no processo de ensino-aprendizagem. Por outro, os alunos podem ter dificuldades de concentração nas aulas e, no limite, evadirem-se da escola. De fato, numa pesquisa da UNESCO¹, realizada em 2000 em catorze capitais brasileiras, aproximadamente metade dos professores afirma que perde o estímulo ao trabalho devido à violência no ambiente escolar, um terço revela que diminui o rigor com que conduz as atividades educacionais, um quarto reclama da dificuldade de se concentrar em escolas violentas e manifesta perda da vontade de trabalhar e um quinto revela que reage às ameaças e/ou violências sofridas buscando a transferência de escola, gerando rotatividade de professores. Do lado dos alunos, aproximadamente a metade deles sustenta que a ocorrência de atos violentos na escola faz com que não consigam se concentrar nos estudos, um terço deles afirma ficar nervosos e revoltados com as situações de violência que enfrentam em suas escolas e aproximadamente essa mesma proporção menciona a perda da vontade de ir à escola.

Apesar desses fatores se relacionarem diretamente com a acumulação de capital humano, quase não têm sido abordados na literatura econômica. Tanto na literatura dos efeitos dos insumos do processo educacional sobre o desempenho dos alunos, quanto na de consequências econômicas do crime, o assunto é quase inexplorado. A principal razão para isso é a inexistência de dados. Grogger (1997) foi o primeiro a analisar os efeitos da violência no ambiente escolar sobre resultados econômicos. Ele mostrou que a violência dentro e nas proximidades da escola diminui a probabilidade de conclusão do ensino médio e do ensino superior

¹ Para maiores detalhes sobre os resultados dessa pesquisa, consultar Abramovay e Rua (2004).

em 5,1% e 6,9%, respectivamente, e dessa maneira afeta o rendimento do trabalho dos indivíduos. Lazear (2001) analisou a questão teoricamente e mostrou que a presença de alguns alunos indisciplinados na sala de aula poderia reduzir a aprendizagem dos demais estudantes da turma. Recentemente, Figlio (2005) e Kinsler (2006) encontraram evidências empíricas favoráveis a esse resultado utilizando bases de dados que contêm informações do comportamento individual dos estudantes.

O presente estudo, por sua vez, aproveita os indicadores de violência no interior e nos arredores da escola, presentes no SAEB 2003, para evidenciar a relação direta entre a violência na escola e a proficiência dos alunos e uma relação indireta entre essas variáveis que parece operar por meio da rotatividade de professores. Segue, portanto, a estratégia de Grogger (1997) de medir a violência por meio de indicadores agregados de violência. Todavia, enquanto esse autor mensura o impacto da violência sobre a escolaridade dos indivíduos (quantidade de educação), neste artigo analisamos os efeitos sobre a proficiência dos estudantes (qualidade da educação). Pretendemos, assim, contribuir no entendimento da questão na literatura econômica e na elaboração de políticas públicas.

Esta dissertação está organizada em mais quatro seções além desta introdução. Na segunda seção, descrevemos a base de dados utilizada e as principais características da nossa amostra referentes à violência nas escolas. Na terceira, explicamos a metodologia: como construímos as nossas variáveis de interesse e qual foi a nossa estratégia econométrica. Na quarta seção, apresentamos os principais resultados e, finalmente, na quinta seção, tecemos algumas considerações finais.